



O Exército Zapatista de Libertação Nacional e as Novas Formas de Mobilização em Rede¹

Murilo Bansi MACHADO²

Faculdade Cásper Líbero (FCL), São Paulo, SP
Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André, SP

RESUMO

Este trabalho discute o modo como as práticas comunicacionais e organizacionais em rede podem interferir nos processos políticos atuais, tomando como exemplo as ações pioneiras do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Faz-se um apanhado do momento político no qual o grupo emergiu, além de um apanhado de suas reivindicações para apontar o modo como o EZLN usou as tecnologias da informação e comunicação para se comunicar e agir em rede e, dessa forma, intervir nas questões políticas nacionais (ANTOUN, 2004). Posteriormente, ressalta-se a importância de tais ações para a própria sobrevivência dos zapatistas para, em seguida, analisá-las à luz do conceito de “guerra em rede” (ARQUILLA e RONFELDT, 1997a e b). Por fim, exploramos alguns frutos do “efeito zapatista” (CLEAVER, 1998b) – grupos mais contemporâneos que atuam em rede, revelando novas formas de conflito e de fazer política.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura; Comunicação em rede; Exército Zapatista; Ciberativismo.

1 INTRODUÇÃO

No atual estágio da humanidade, classificado pelo sociólogo Manuel Castells (2007) como a "era da informação", o “pós-industrialismo”, na qual o poder, em grande medida, é mensurado pelo controle de informações, destaca-se, entre outros aspectos, o modo como as práticas comunicacionais em rede têm sido capazes de interferir, sensível ou decisivamente, nos processos políticos atuais, ora acoplando a tal processo atores até então alheios a ele, ora transformando drasticamente regimes políticos em questão de dias ou meses. Este trabalho pretende dedicar mais atenção a um destes atores que,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2010) e aluno recém-ingressado do Mestrado em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC-SP), email: murilo.machado@ufabc.edu.br.



valendo-se de então incipientes tecnologias da informação e comunicação, foram capazes de chamar a atenção da comunidade internacional ao propor mudanças radicais no sistema político de seu país, conforme se tentará assinalar a seguir.

2 O EXÉRCITO ZAPATISTA

México, 1º de Janeiro de 1994. Na maior parte do país, enquanto cidadãos celebram a chegada de um novo e decisivo ano em sua história, determinados setores da sociedade também comemoram a entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (TLC ou Nafta). Por sua vez, distantes de quaisquer solenidades do gênero, cerca de três mil insurgentes – na maioria indígenas, e todos oriundos das profundas entranhas da selva Lacandona, localizada no estado de Chiapas, na fronteira com a Guatemala – se rebelam e assumem o controle de sete cidades naquelas imediações. Com isso, bradam seu descontentamento após “500 anos de lutas”³ e, por meio da “1ª Declaração da Selva Lacandona” e do agora mundialmente conhecido grito de *¡Ya Basta!* (Já basta!), declaram guerra ao governo mexicano e se apresentam a seu país e ao mundo como o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Vários são os aspectos comumente levantados a fim de se explicar a existência dos zapatistas e sua conseqüente insurgência. Influenciado pela vertente mais radical da Revolução Mexicana (1910), protagonizada por Emiliano Zapata, Pancho Villa e Pascoal Orozco, o EZLN requereu do governo mexicano direitos básicos, a saber: terra, trabalho, pão, teto, liberdade, dignidade e justiça.⁴ Por isso, sua revolta é explicada, entre outros fatores, pelo despotismo do governo do então presidente Carlos Salinas de Gortari (1988-1994); pelo sistema político mexicano, altamente corrupto e concentrado nas mãos do PRI (Partido Revolucionário Institucional) havia mais de 70 anos; pela existência, no país, de um sistema econômico neoliberal, que, à época, se fortalecia em definitivo com a entrada em vigor do Nafta; pela reforma no artigo 27 da Constituição mexicana, que privatizava os *ejidos* (terras de propriedade coletiva) e favorecia a apropriação destas pelos grandes capitais estrangeiros e nacionais – conseqüentemente, reprimindo brutalmente os indígenas; e pelo habitual descaso por parte do Estado

³Cf. Primeira Declaração da Selva Lacandona. Disponível em:

<<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/zapatismo/lacandona1.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

⁴Idem.



mexicano em relação à população indígena que, mesmo representando 10% da população do país, era sempre preterida nas tomadas de decisão do país (CLEAVER, 1998 a e b; HOLLOWAY, 2003; ORTIZ, 2003).

Assim, segundo o líder militar e porta-voz do EZLN, o subcomandante Marcos, depois de mais de 10 anos de organização e planejamento de suas ações, que teriam, portanto, se iniciado já na década de 1980, os zapatistas tentam mostrar ao mundo que aquele país que se dizia, segundo seus governantes, pronto para “ingressar no primeiro mundo” – por meio do Tratado de Livre Comércio, estreitando formal e definitivamente suas relações com o governo estadunidense – trazia consigo uma incomensurável dívida social com seus cidadãos e não era tão estável politicamente – conforme apregoava.

3 UM MOVIMENTO *SUI GENERIS*

Mas, apesar de seu primeiro grande ato público se configurar como um levante armado, assumindo o controle de algumas cidades no estado de Chiapas, e de, em seu primeiro comunicado, declarar guerra explicitamente ao governo mexicano, o EZLN não se caracterizou como um grupo guerrilheiro tradicional, por duas grandes razões. Em primeiro lugar, os zapatistas nunca almejavam a tomada de poder, isto é, não tinham interesse em controlar, por meio da luta armada, o Estado mexicano, nem mesmo parte dele. Sua prática política consistiu em contestar o sistema político vigente e seu pensamento teórico se calcava em uma esquerda não-dogmática (ORTIZ, 2007). Ademais, conforme argumentou Holloway (2003), sua rebelião estava fundamentada na dignidade e seu desafio era salvar a revolução do colapso da ilusão do Estado e do poder.

Outro fator que distingue o EZLN (e no qual este trabalho se foca) é a ampla e pioneira utilização, por parte dos zapatistas e da grande rede de solidariedade e colaboração que se criou em volta deles, das tecnologias eletrônicas e digitais de comunicação e informação. É por esse motivo que o sociólogo Manuel Castells (2002, p. 103) enquadra o EZLN como o “primeiro movimento de guerrilha informacional”.

E não apenas Castells, mas Antoun (2004), Arquilla e Ronfeldt (1997a e b), Cleaver (1998a e b), Garrido e Halavais (2003), Ortiz (2007) e vários outros autores defendem que o sucesso dos zapatistas esteve, em grande parte, relacionado à estratégia



de comunicação e organização em rede por eles impetrada, e não à luta armada ou aos enfrentamentos diante do exército mexicano – mesmo porque o EZLN possuía parques e surrados armamentos. Suas melhores armas foram, portanto, as midiáticas. Com isso, os zapatistas criaram e recriaram grandes eventos para difundir seus atos, além de se valer de forma até então inédita das tecnologias da informação e comunicação para, em primeiro lugar, passar sua mensagem ao mundo e, em um segundo momento, se organizar e praticar suas ações. Como observou Ortiz (2003, p. 298):

Talvez, sem a combinação de resistência das comunidades e das bases camponesas e indígenas do EZLN com a articulação de uma ampla rede de relações políticas e de solidariedade nacional e internacional, o movimento zapatista já teria sido mortalmente golpeado pelo governo e o exército mexicanos. Sua força nunca esteve nem estará nas armas ou na guerra de guerrilhas, e provavelmente por isso a lógica militar que o governo mexicano adotou para tentar vencer o EZLN tem-se mostrado incapaz de derrotá-lo.

Dessa maneira, imediatamente após o levante armado, em janeiro de 1994, os zapatistas angariaram simpatia e solidariedade de diversos cidadãos e organizações espalhadas pelo mundo, sobretudo das não-governamentais (ONGs). Estas, verdadeiramente, aliadas aos milhares de colaboradores autônomos com conexão à internet ao redor do mundo, criaram uma eficiente rede de comunicação que envolveu, em seu estágio mais avançado, ativistas de diversos setores, tais como: direitos humanos, ambientalistas, indígenas, feministas e militantes dos movimentos de mídia alternativa – entre outros (GARRIDO e HALAVAIS, 2003).⁵

Essa eficiente rede de comunicação e solidariedade agiu em conjunto com o EZLN de diversas formas, e em diversas ocasiões. Desde a primeira aparição do EZLN, montaram-se várias listas de discussão on-line e, com surpreendente agilidade, um sem-número de websites relacionados ao movimento zapatista foram criados de forma colaborativa. Nesses espaços, eram postados, entre outros conteúdos: os comunicados do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI), instância máxima do movimento; notícias que, trazidas diretamente da zona de conflito por jornalistas, ativistas, observadores internacionais etc., contrapunham-se à versão oficial do governo mexicano, amplamente divulgada nas mídias tradicionais (estações de TV, de rádio, e jornais impressos); manifestações de apoio, opiniões e análises quanto à luta zapatista

⁵Nesse sentido, Garrido e Halavais (2003) elencaram os principais grupos que se solidarizaram com as causas zapatistas e fizeram um mapeamento deles por meio do cruzamento de links envolvendo os websites de tais grupos e a página oficial do EZLN.



oriundas de diversos lugares do mundo; e denúncias de graves violações de direitos humanos praticadas pelo exército federal mexicano contra pessoas “supostamente” envolvidas com o movimento zapatista.

Da mesma maneira, os zapatistas se valeram dessa ampla rede de comunicação para organizar e dar visibilidade às suas ações. Foi assim, por exemplo, nas atividades da Frente Zapatista de Libertação Nacional, organização política e social de ideologia zapatista que, criada em 1997, atuou como a cara-metade civil do EZLN; na criação e participação do Congresso Nacional Indígena (CNI); na articulação para realizar o Primeiro Encontro Intercontinental pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, que ocorreu em 1996 na da selva Lacandona e contou com a participação de milhares de ativistas do mundo todo; na convocação e organização, em março e abril de 2001, de uma marcha indígena que percorreu mais de mil quilômetros (de Chiapas até a Cidade do México) para reivindicar a aprovação, no Congresso mexicano, de uma iniciativa de lei que reconhecia a autonomia e a cultura das comunidades indígenas; e também na convocação e organização da “Outra Campanha” que, por meio da “Sexta Declaração da Selva Lacandona”, deu início a uma grande mobilização em que uma delegação do EZLN percorreu todo o território mexicano para coletar sugestões que resultariam, posteriormente, em uma proposta de nova Constituição para o país.

Todas essas ações se reforçaram, segundo Ortiz (2007), pela inata habilidade do subcomandante Marcos que, valendo-se do bom humor, da irreverência e das citações literárias em seus comunicados, foi um comunicador muito eficiente, capaz de manter os zapatistas constantemente na mídia (destaque este que não se havia dado, até aquele momento, a nenhum outro movimento de guerrilha) e de fomentar a alimentação dos sites e das redes de discussão com informações de e sobre Chiapas.

Com isso, cientes de que não seriam capazes de enfrentar, com seus armamentos precários, a repressão do exército federal mexicano, além dos grupos paramilitares terroristas financiados pelo governo, os zapatistas apostaram no poder midiático, cujo alcance era inevitavelmente superior aos dos seus fuzis e espingardas, travando, também, indiretamente, uma guerra pela informação. Assim, resistiram.



4 AS NOVAS FORMAS DE CONFLITO

Assim como Castells (2007), Arquilla e Ronfeldt (1997a) apontam que ações como as dos zapatistas têm como base um precedente fundamental: a chamada era da informação, que reforça as formas de organização em rede e altera a natureza dos conflitos. Para os autores – pesquisadores militares ligados à RAND Corporation, uma das principais agências independentes de fomento à pesquisa sobre temas de interesse do Departamento de Defesa dos Estados Unidos –, portanto, o aumento da ação em rede reflete a (e está intimamente ligado a ela) chamada revolução da informação.

Com isso, os autores cunham os conceitos de “guerra em rede” (*netwar*), em oposição ao que chamam de “guerra de controle” (*cyberwar*), de acordo com as traduções livres de Antoum (2004). Enquanto esta diz respeito à tradicional luta por meio da tecnologia militar travada por dois ou mais Estados (como as duas Grandes Guerras Mundiais ou então a Guerra do Golfo, por exemplo), a guerra em rede se configura como um modo de conflito em níveis sociais, nas quais os protagonistas usam (e dependem de) formas de organização, doutrina, estratégia e comunicação em rede.

O termo “cyberwar” será um apontamento ainda mais importante para fins militares, em que a linguagem é normalmente relacionada a conflitos de alta intensidade (HIC, na sigla em inglês) e conflitos de porte médio (MRC). “Netwar” figurará de maneira crescente no nível social, em que a linguagem é normalmente relacionada a conflitos de baixa intensidade (LIC) e operações outras que não a guerra (OOTW) [...]. Ao passo que a “cyberwar” verá geralmente forças militares formais se prendendo uns aos outros, a “netwar” envolverá provavelmente forças não-estatais, paramilitares e irregulares (ARQUILLA E RONFELDT, 1997a, p. 275).⁶

Portanto, a “guerra em rede”, de baixa intensidade, é travada de modo assimétrico entre um Estado (no caso, o México) e grupos organizados em rede (movimento zapatista), de modo que estes empregam tal rede para comunicação e controle operacional, levando, em diversas ocasiões, suas atividades para além do

⁶ Tradução livre: “The term “cyberwar” will be an ever-more-important entry at the military end, where the language is normally about high-intensity conflict (HIC) and middle-range conflict (MRC). “Netwar” will figure increasingly at the societal end, where the language is normally about low-intensity conflict (LIC) and operations other than war (OOTW) [...]. Whereas cyberwar will usually see formal military forces pitted against each other, netwar is more likely to involve nonstate, paramilitary, and other irregular forces”.



“ciberespaço”. Além disso, estes grupos agem com frequência sem uma liderança central, por meio de células distribuídas, de modo que a tomada de decisão pode ser deliberadamente descentralizada e dispersa. Isso também se verificou no movimento zapatista, no qual, apesar da figura central do subcomandante Marcos como porta-voz, tudo era decidido com base em amplos acordos firmados entre as várias instâncias do movimento. Analogamente, suas ações se deram de modo esparso, descentralizado, em vários núcleos de ação. Essa nova forma de organização, segundo os autores, se relaciona diretamente à “revolução da informação”, que nos apresenta novos mecanismos de ação (p. 276):

A revolução da informacional favorece e reforça formas de organização em rede, ao passo que torna difícil a vida para formas hierárquicas. Isso implica que conflitos serão cada vez mais lutados por “redes” do que por “hierarquias”. Portanto, quem quer que domine as formas em rede deverá ganhar maior vantagem nessa nova era.⁷

No caso específico dos zapatistas no México, um dos grandes fenômenos da era da informação, Arquilla e Ronfeldt (1997a, p. 371) apontam que o movimento, com suas legiões de apoiadores e simpatizantes entre ONGs locais e transnacionais, mostra que a guerra em rede em nível social pode fomentar uma democratização, e pressionar para que reformas sejam adotadas. Na mesma linha, Antoun (2004) ressalta que a rede é um meio privilegiado de exprimir a potência de ação de determinados grupos, que passam a fazer seus movimentos de luta por meio da construção de redes e a favor da renovação da democracia.

5 NOVOS RUMOS PARA A PRÁTICA POLÍTICA?

O que fica claro, diante do exemplo pioneiro dos zapatistas, é que as tecnologias da informação e da comunicação podem ser manipuladas de modo de interferir decisivamente na prática política contemporânea. Quanto ao EZLN, além de fazer com que as reivindicações básicas do movimento insurgente e a as condições dos povos

⁷ Tradução livre: The information revolution favors and strengthens network forms of organization, while making life difficult for hierarchical forms. This implies that conflicts will increasingly be fought by “networks” more than by “hierarchies”. Thus, whoever masters the network from should gain major advantages in the new era.



indígenas da selva Lacandona circulassem em escala global, praticamente em tempo real, este poder comunicacional fez com que, muitas vezes, o exército mexicano, vigiado por toda a comunidade internacional, recuasse em momentos decisivos e que o governo daquele país, pressionado por organizações de várias partes do mundo, cedesse em negociações pelos direitos indígenas.

Dessa forma, ao passo que a revolução informacional reforça formas de organização em rede, ela também leva facilmente à alteração nas próprias formas de conflito social, culminando com uma redefinição em certas práticas políticas. O caso do movimento zapatista talvez tenha sido apenas o pioneiro de muitos outros exemplos subsequentes. Nesse sentido, Harry Cleaver (1998b, p. 2) já dizia – ou talvez procrastinava – que “não é exagerado falar em um 'efeito zapatista' reverberando através dos movimentos sociais espalhados por todo o mundo”⁸, à medida que estabeleceu uma verdadeira “teia eletrônica de luta” abrangendo indivíduos e organizações.

Mas, conforme observaram Arquilla e Ronfeldt, em meados da década de 1990, época em que os zapatistas se sublevaram e ganharam expressão mundial, a revolução informacional, as novas tecnologias de informação e comunicação, bem como as formas de organização em rede estavam em um nível preliminar, ainda ganhando ímpeto – quando comparadas, evidentemente, ao cenário atual. Hoje, em um mundo no qual tais tecnologias se reinventam continuamente e as formas de se comunicar e se organizar em rede ganham a cada dia mais maturidade, podemos observar que o legado zapatista ainda se faz presente, inserindo na ordem do dia uma nova prática política, que por vezes constrange (ou mesmo desafia frontalmente) governos e Estados inteiros.

Exemplos clássicos disso não faltam. Mais no início dos anos 2000, podemos citar o caso das Filipinas, onde o então presidente Joseph Strada foi deposto após ampla mobilização de milhares de pessoas via SMS e e-mails, em 2001. Também na Espanha, em 2004, uma intensa manifestação popular iniciada via SMS alterou os rumos da eleição no país, à medida que denunciou o governo à época por ocultar dados sobre o atentado terrorista realizado em 11 de março no metrô de Madri, deixando quase 200 vítimas fatais.⁹ Mais recentemente, uma intensa manifestação descentralizada cuja organização teve seu ponto de partida em uma rede social conectada – o Facebook – deu início a vários dias de mobilizações populares ininterruptas que culminaram com a queda do ditador egípcio, Hosni Mubarak.

⁸Tradução livre: “It is not exaggerated to speak of a “Zapatista Effect” reverberating through social movements around the world”.

⁹ Para uma história completa destes dois casos, Cf. Rheingolg (2002) e Donas (2005).



Ou então, se levarmos em conta um fato que ocorre no exato momento em que mal traçamos as linhas finais deste artigo, verificaremos que um grupo de jovens hackers ativistas, agindo sob a alcunha *Anonymous* (“anônimos”), se organizam de maneira descentralizada pela internet para agir – anonimamente, é claro – de modo a tirar do ar sites majoritariamente de governos ou empresas que tenham violado principal a bandeira do grupo: a liberdade de expressão, sobretudo na internet. E, ao fazê-lo, os *anonymous* não danificam bancos de dados ou invadem sistemas destas páginas – atividades típicas do universo *cracker*¹⁰. Em geral, seus ataques se limitam a tirar temporariamente uma página do ar e, no lugar de sua *home*, o internauta terá a oportunidade de assistir a um vídeo – produzido pelos *anonymous* – em que explicam suas origens, sua ideologia, seu método de ação e sua militância política. Transcrevemos abaixo um comunicado trazido por um destes vídeos, divulgado pelo grupo em dezembro de 2010:

Olá, mundo. Nós somos os *anonymous*. O que vocês sabem ou não a respeito de nós é irrelevante. Nós decidimos escrever a vocês, à mídia e a todos os cidadãos do mundo livre para informá-los sobre nossas intenções, nossos alvos potenciais e nossa ativa campanha para a liberdade da troca de informações, liberdade de expressão e uso livre da internet. Nossa mensagem é clara. Nós aopiamos o fluxo livre de informações. Os *anonymous* estão atuando ativamente para alcançar este objetivo em qualquer lugar, de qualquer forma. [...] Embora reconheçamos que você pode discordar disso, nós acreditamos que os *anonymous* estão em campanha para você, para que sua voz não possa nunca ser silenciada. [...] Nós não somos uma organização terrorista tal como são os governos, os demagogos, e o que quer em que a mídia queira que você acredite. Em vez disso, os *anonymous* são um coletivo espontâneo de pessoas que compartilham o mesmo objetivo de proteger o fluxo livre de informações na internet.¹¹

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os casos aqui relatados – em especial, o exemplo pioneiro e proeminente do Exército Zapatista de Libertação Nacional, ao qual dedicamos maior atenção – evidenciam uma redefinição nas formas de conflito (ARQUILLA e RONFELDT, 1997a

¹⁰ Conforme pontuou Himanen (2001), hackers são programadores de sistemas cujas ações se pautam pela liberdade de informação, pelo compartilhamento do conhecimento, entre outros. Aqueles que corrompem sistemas, roubam senhas e danificam bancos de dados, por exemplo, são os denominados crackers.

¹¹ Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=WpwVfl3m32w>. Acesso em 10 mar. 2011.



e b). Neste caso, como no caso das Filipinas, da Espanha, do Egito ou dos *Anonymous*, deixamos de lado momentaneamente os conflitos de alta intensidade, envolvendo grandes aparatos hierárquicos de poder e controle (o que não significa, em absoluto, que estes não existam mais ou que perderam sua relevância), para analisar determinadas formas de comunicação e organização em rede, que travam conflitos de baixa intensidade, em nível social, e que devem seu fortalecimento, conforme observamos, à revolução informacional.

Por isso, compreender o fenômeno EZLN e seus “efeitos” (CLEAVER, 1998b) por todo o mundo é compreender como a sociedade pode se apropriar de ferramentas que estão à sua disposição (neste caso, as comunicacionais) para reinventar a prática política e atuar sobre ela. Os zapatistas, enquanto fenômeno pioneiro, alteraram decisivamente não apenas a história do México – com seu levante armado e suas ações coordenadas –, mas também a da luta política em todo o mundo, pois demonstrou, por meio dos mecanismos já explicitados, que outro modo de se mobilizar e de se fazer ouvir é possível.

Longe, muito longe, de esgotar o assunto, dedicamo-nos a lançar certas questões e possibilidades que poderão nos ajudar a formular novas hipóteses de entendimento quanto às práticas comunicacionais em rede e seu desdobramento na redefinição das práticas políticas e dos conflitos contemporâneos.

5 REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André. (Org.) **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 209-237.

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. The advent of netwar. In: _____. (Org.). **In Athena's camp**: preparing for conflict in the information age. Washington: RAND, 1997. p. 275-293.

ARQUILLA, John; RONFELDT, David. Cyberwar is coming!. In: _____. (Org.). **In Athena's camp**: preparing for conflict in the information age. Washington: RAND, 1997. p. 275-293.

ARQUILLA, John; ROSENFELDT, David; FULLER, Graham E. **The zapatista social netwar in Mexico**. Lanham, MD: National Book Network, 1998. 168p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt.

3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Tradução de Roneide Venâncio Majer. 10. ed. São Paulo: Paz e terra, 2007. 698p.

CLEAVER, Harry. Zapatistas e a teia eletrônica de luta. Tradução de Lúcia Sodré. **Lugar Comum**, v. 4, p. 139-163, 1998a.

_____. The Zapatista effect: the internet and the rise of an alternative political fabric. **Journal of International Affairs**, v. 5, n. 2, p. 621-40, 1998b.

DE ANGELIS, Massimo. Globalization, new internationalism and the zapatistas. **Capital and Class**, v. 24, n. 1, p. 9-35, 2000. Disponível em: <http://www.cseweb.org.uk/pdfs/CC70/CC70_02_De_Angelis.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2011.

DELARBRE, Raúl Trejo. **Chiapas**: la comunicación enmascarada. México, D.F.: Diana, 1994. Disponível em: <<http://www.etcetera.com.mx/chiapas/chiapas.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

GARRIDO, Maria; HALAVASIS, Alexander. Mapping networks of support for the zapatista movement: applying social-networks analysis to study contemporary social movements. In: MCCAUGHEY, Martha; AYERS, Michael D. (Orgs.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice**. Nova York: Routledge, 2003. p. 165-184.

HIMANEN, Pekka. **A ética dos hackers e o espírito da era da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HOLLOWAY, John; PELAEZ, Eloina. (Orgs.). **Zapatista! Reinventing revolution in Mexico**. Londres: Pluto Press, 1998. 224p.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2003. 332p.

MORENO TOSCANO, Alejandra. **Turbulencia política**: causas y razones del 94. México: Oceano, 1996.

ORTIZ, Pedro. México rebelde. In: COGGIOLA, Oswaldo. **América Latina: encruzilhadas da história contemporânea**. São Paulo: Xamã, 2003. p. 269-299. 230p.

ORTIZ, Pedro; BRIGE, Marco; FERRARI, Rogério. **Zapatistas: a velocidade do sonho**. Brasília: Entrelivros, Tresaurus, 2007.

SCHULZ, Markus. Collective action across borders: opportunity structures, network capacities, and communicative praxis in the age of advanced globalization. **Sociological perspectives**, v. 4, n. 3, p. 597-610, 1998.

VALENCIA, Adrián Sotelo. Zapatismo. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. (Coords.). **Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 1287-1288.

VEGH, Sandor. Classifying gorms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, Martha; AYERS, Michael D. (Orgs.).

Cyberactivism: online activism in theory and practice. Nova York: Routledge, 2003. p. 71-95.

WAGER, Steven; SCHULZ, Donald. The awakening: the zapatista revolt and its implications for civil-military relations and the future of Mexico. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, v. 37, n. 1, p. 1-42, 1995. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/00041.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2011.